

ARTIGO

A FARROUPILHA NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL:

UM CERTO CAPITÃO RODRIGO

FABRÍCIO ANTÔNIO ANTUNES SOARES

Pós-doutor em História.

Professor colaborador do PPGHS/UEL.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6132-803X>

RESUMO: Este artigo examina como o capítulo “Um certo Capitão Rodrigo”, do romance *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo, que representa literariamente a história. Para isso examino, por um lado, como a fonte se articula com a historiografia da sua época e, por outro lado, como a fonte articula a historiografia e a literatura. Para dar conta do objetivo, a metodologia utilizada para analisar a fonte é a operação literária da história. A hipótese que norteia o artigo diz respeito à ligação intelectual de Veríssimo com a historiografia do seu período. Por fim, constato que a fonte/obra analisada potencializa a representação da história pela literatura, como também faz da escrita literária da história uma reflexão teórica sobre a historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da história; história da historiografia; literatura; história intelectual.

THE FARROUPILHA IN THE HISTORICAL FORMATION OF RIO GRANDE DO SUL: A CERTAIN CAPTAIN RODRIGO

ABSTRACT: This paper examines how the chapter “Um certo Capitão Rodrigo”, from the novel *O tempo e o vento* by Érico Veríssimo, which represents history literarily. For this, I examine, on the one hand, how the source articulates with the historiography of its time and, on the other hand, how the source articulates historiography and literature. To achieve the objective, the methodology used to analyze the source is the literary operation of history. The hypothesis that guides the article concerns Veríssimo’s intellectual connection with the historiography of his period. Finally, I note that the source/work analyzed enhances the representation of history by literature, as well as makes the literary writing of history a theoretical reflection on historiography.

KEYWORDS: Theory of history; history of historiography; literature; intellectual history.

Recebido em: 12/01/2023

Aprovado em: 07/04/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p365-391>



1. Introdução

Neste artigo, analiso como o capítulo “Um certo Capitão Rodrigo”, do tomo *O continente*, componente da obra *O tempo e o vento*, romance de Érico Verissimo (1905-1975), escritor que constrói uma interpretação literária da história da Farroupilha.¹ Investigo as relações do livro de Verissimo tanto com a historiografia do seu período como as relações da literatura com a historiografia.

Em 1949, vem à luz o primeiro volume da obra mais consagrada de Verissimo, *O tempo e o vento*, romance histórico em formato de trilogia, preparado durante mais de uma década e narrando a história de uma família que se emaranhava com a história do Rio Grande do Sul. Portanto, no período de produção e publicação de *O tempo e o vento*, a historiografia dominante no Rio Grande do Sul era feita pelo Instituto Histórico Geográfico Rio Grande do Sul (IHGRGS) e, além disso, sua versão hegemônica era a origem lusitana do estado e, por outro lado, compreendia-se este mesmo estado dentro dos marcos do Estado brasileiro. Assim, o artigo trabalha com a hipótese de que o capítulo “Um certo Capitão Rodrigo” articula-se com a historiografia do seu período e dialoga com as relações entre a escrita da história e escrita da literatura.

Para alcançar o objetivo, faço uso da operacionalidade analítica de entender a obra de Érico Verissimo como uma operação historiográfica (Certeau, 2007). Em outras palavras, empregarei os procedimentos em Certeau (2007), de análise da escrita da história, para analisar a escrita literária da história. Óbvio que o que Certeau (2007) propõe visa à operação historiográfica *stricto sensu*, aqui, porém, pretendo ver a possibilidade fecunda de tal arcabouço metodológico posto a serviço da análise da escrita literária da história. Para fazer essa translação da historiografia para a literatura, dois passos teóricos são importantes. Por um lado, apreender e operar as diferenças entre ambas as escritas (Lima, 1989, 2006) e, por outro lado, manejar as semelhanças (Ricouer, 2010, V. 1; V. 3; White, 2014a; Jablonka, 2020). Desse modo, o passado é narrado tanto pela historiografia como pela

¹ A Farroupilha, Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, foi um conflito militar e político na Província de São Pedro (atual Estado do Rio Grande do Sul) entre 1835 e 1845. Sobre a Farroupilha, ver: Guazzelli (1998).

literatura e ambas têm a ficção (Lima 2006; Certeau, 2011; White, 2014b) como um dos seus elementos. Contudo, há protocolos de construção de cada saber e narrativa (Ricoeur, 2007; White, 2014a) que tornam diferentes os produtos finais da escrita historiográfica e da escrita literária da história.

Portanto, o caminho desta investigação é saber como “Um certo Capitão Rodrigo” se articula com o lugar social, com a prática e a escrita, em outras palavras: como é possível perceber a “operação historiográfica” na literatura sobre a Farroupilha (Rodrigues, 2019; Soares, 2019). Assim sendo, examinar a obra de Verissimo, como uma operação literária da história, significa analisá-la como a articulação entre a) um lugar social, b) práticas científicas e c) a escrita de um texto (Certeau, 2007). Para compreender, portanto, a história das narrativas sobre a Farroupilha (Pesavento, 2009; Soares, 2019), parte-se do pressuposto de que qualquer narrativa histórica e literária (Ricoeur, 2010, v. 1) se encadeia com um lugar, uma prática e escrita e, também, suas determinações sociais e culturais como políticas e econômicas (Hartog; Revel, 2001). Isso acarreta uma forma de proceder na escrita literária da história limitada por condições inerentes ao lugar de sua produção. Esse é, então, um dos requisitos do desenvolvimento da operação literária da história. Portanto, além de fornecer, por um lado, a solidez social à escrita literária, por outro, o lugar social, a prática e a escrita a tornam possível e, assim, a escrita literária, em semelhança com a escrita da história, delinea-se “por uma *relação da linguagem com o corpo (social) e, portanto, também pela sua relação com os limites que o corpo impõe*” (Certeau, 2007, p. 76, grifo do original).

Assim, para atingir o objetivo deste artigo, organizo seu texto em três partes. Na primeira, desenvolvo a hipótese que dá azo ao artigo. Na segunda, analiso o lugar social em que está imersa a obra analisada. Na terceira parte, subdividida em seis seções, investigo a prática e a escrita do texto de Verissimo.

2. Hipótese: a literatura problematizando a história e a historiografia

A hipótese que norteia o artigo, e que desenvolvo nesta seção, é a de que, para compreender a construção narrativa de sentido da Farroupilha em “Um certo Capitão Rodrigo”, é preciso perceber as relações entre a

historiografia e a literatura à época e, bem como entender as relações da historiografia hegemônica do IHGRGS com a obra de Verissimo.

2.1. As relações entre história e literatura

Para Rodrigues (2006), o romance tomava um espaço relevante no plano da cultura do Rio Grande do Sul, principalmente com a obra de Verissimo, mas dificilmente se pode pensar em fazer romance, nesse período, sem menção à sociologia e à história no estado. Com a hegemonia do IHGRGS no plano da cultura historiográfica sulina, é importante destacar os pontos norteadores predominantes² da escrita da história do Instituto para poder comparar com a escrita literária da história do texto de Verissimo. Assim, é possível destacar dois pontos: o lusitanismo e o marco do Estado-nação (Gutfreind, 1992; Nedel, 2005; Rodrigues, 2006; Martins, 2015). O lusitanismo mostra que a ocupação do território, a colonização e a vida política e cultural do Estado têm uma origem europeia, portuguesa e branca. O marco do Estado-nação é relativo à integração do Rio Grande do Sul, desde sua origem, no corpo nacional brasileiro.

Desse modo, o sentido do romance de Verissimo estava vinculado a uma compreensão da história e, assim, o plano de *O tempo e o vento* foi estabelecido antes da década de 1940 e esteve atinente a um projeto crítico de Verissimo à sociedade e à historiografia sobre o Rio Grande do Sul, sobretudo aquela oferecida nos livros escolares e vinculada ao IHGRGS. A partir disso, este romancista tem sido analisado como um exemplo das considerações da oligarquia rural e, ao mesmo tempo, como um precursor da crítica à mitologia do gaúcho. Se em *O continente* os deserdados, as classes dominadas e os heróis anônimos exerciam a centralidade da intriga, nos próximos volumes eles modificaram sua colocação com os personagens históricos vinculados ao poder (Rodrigues, 2006).

Rodrigues (2006) tem razão ao avaliar que só em uma análise de conjunto *O continente* mostra sua dimensão crítica à história e à historiografia sul-rio-grandense. Contudo, mesmo que aqui se trate de um capítulo de *O*

² Contudo, havia uma escrita da história alternativa no IHGRGS (Thesing, 2015, 2019; Martins, 2015; Silva, 2010, 2019; Nedel, 2007b; Gutfreind, 1992; Oliveira, 2004/2005). Seus principais nomes foram: Alfredo Varella (1915, 1933) e Manoelito de Ornellas (1948).

continente – “Um certo Capitão Rodrigo” –, creio que seja possível alargar a consideração de Rodrigues (2006) para a análise específica da fonte aqui estabelecida, ou seja, a fonte também não deixa de se mostrar como uma obra de viés crítico, pois tal capítulo é, para o período, uma análise diferente da literatura e da historiografia de épocas anteriores e mesmo do seu período (Soares, 2016). Desse modo, a seguir tentarei demonstrar que é possível perceber a crítica, em relação à Farroupilha, somente no capítulo “Um certo Capitão Rodrigo”, isto é, este extrato do livro é crítico por si só (da escrita da Farroupilha), pois consideram-se o contexto intelectual à sua época e as produções historiográficas e literárias do período.

Além do mais, juntamente com a história de deteriorização de um modo de vida, Verissimo arquitetou a história da continuação de valores positivos (Marobin, 1985; Zilberman, 1998), de tal modo que “a interpretação da concepção histórica do romancista como unilateralmente pessimista perde força ante a perspectiva da simultaneidade entre a decadência e a possibilidade de regeneração” (Rodrigues, 2006, p. 142). Isso porque a decadência de um tipo social propiciava o nascimento de um novo tipo e, portanto, o que se sobressai é a justificação de uma renovada identidade para o gaúcho.

Segundo Rodrigues (2006), outro ponto importante na obra de Érico Verissimo foi a renúncia do ponto de vista do heroísmo como alicerce de continuação da história local, permutando heroísmo por coragem. Portanto, a alternativa de Érico à história e à literatura precisaria considerar um dispositivo de autodesmistificação que une sua iniciativa a uma visão crítica em relação à historiografia do IHGRGS e aos livros escolares do período (Rodrigues, 2006). Contudo, o entendimento de que Verissimo antagoniza abertamente com os historiadores do IHGRGS da época deve ser repensado em favor de uma ideia mais prudente, motivo pelo qual haveria discordância entre sua compreensão da história e as teses mais correntes. Contudo, “a causa da identidade do ‘intelectual de província’ e da necessidade de uma reelaboração da memória parece ter sido ecumênica” (Rodrigues, 2006, p. 152).

2.2. A historiografia do IHGRGS e O tempo e o vento: a formação histórica do Rio Grande do Sul

Os empreendimentos intelectuais de Érico e do IHGRGS não podem deixar de ser comparados. Se não existe uma disputa aberta entre eles acerca da interpretação da formação do Rio Grande do Sul, mesmo assim é possível analisar que há representações diferenciadas desse processo. A versão hegemônica do IHGRGS (Nedel, 2005; Rodrigues, 2006; Martins, 2015) propunha uma narrativa em que a formação histórica sulina nascera da colonização portuguesa da América. Diferentemente, Verissimo admitia que a formação histórica do Rio Grande do Sul se relacionava com a história indígena, e este é seu ponto de partida no capítulo “A fonte” (primeiro capítulo de *O continente*). Nele, o autor narra a história de Pedro Missioneiro (Soares; Silva, 2020) e depois, em “Ana Terra” (segundo capítulo), narra o romance de Pedro Missioneiro e Ana Terra, em que as culturas indígena e portuguesa se unem na formação histórica, gerando o filho do casal, meio índio e meio português, Pedro Terra.

No IHGRGS, a formação histórica do Rio Grande, além de suprimir o indígena, opera outra oposição: o platino e o brasileiro, ou, mais especificamente, o gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense. O gaúcho brasileiro não poderia estar associado a supostas características bárbaras dos indígenas (como ocorreria no gaúcho platino), sendo, por conseguinte, a formação do Rio Grande do Sul um produto da civilização europeia, já que as instituições, a democracia e a liberdade só seriam possíveis sem o barbarismo indígena e sem o caudilho. Em *O tempo e o vento*, Verissimo problematiza a história da formação do Rio Grande do Sul e, em “Um certo Capitão Rodrigo”, problematiza a Farroupilha; as teses correntes e mais aceitas do período são contraditas pelo romancista. Dois momentos são importantes para frisar isso. Ao contrário do IHGRGS, que inicia a formação com os portugueses, Verissimo inicia a formação com os Sete Povos das Missões. O IHGRGS também desvincula a Farroupilha do Prata e, ao contrário, Rodrigo entra em Santa Fé, vindo das Guerras Cisplatinas de onde traz trejeitos, palavras, costumes e o nome do seu primogênito.³

³ Gutfreind (1992, p. 99) escreve: “Enquanto a matriz lusa da historiografia sulina se esforça em construir uma imagem otimista do Rio Grande do Sul e do gaúcho, a literatura desenvolvia a criação de outra. Relacionando a literatura e a história, pode-se afirmar que nunca a literatura foi tão histórica quanto neste momento, no sentido da aproximação com a realidade concreta sulina”. Parece-me o contrário, que a literatura nunca foi tão ficção, pois se fosse história teria que respeitar os critérios da racionalidade historiográfica do período ou os supostos conhecimentos da historiografia dominante no período, neste caso, o IHGRGS.

Apesar destas diferenças, havia semelhanças: o projeto intelectual sobre a formação histórica do Rio Grande do Sul e a Farroupilha entrou na história da formação rio-grandense nessa perspectiva. Mas a formação histórica do Rio Grande do Sul e a Farroupilha foi operada de modos diferentes.

3. Lugar social: contexto político e intelectual

O lugar social de um texto fornece os vestígios contextuais da produção da sua escrita. Desse modo, para o lugar social auxiliar no desenvolvimento da hipótese, cabe recapitular o tratamento intelectual dado à Farroupilha. Com isso, após o período de escrita da Farroupilha, dentro do marco narrativo da comemoração e do seu abasileiramento (Martins, 2015; Soares, 2016), surge um outro modo narrativo de emaranhar a Farroupilha. No período pós-1945, a forma de narrar o episódio histórico é percebendo-o dentro do quadro da formação histórica do Rio Grande do Sul. Assim, a intriga narrativa, da qual a Farroupilha faria parte, seria a do longo processo da formação histórica do Rio Grande do Sul (Rodrigues, 2006).

Para Rodrigues (2006), a relevância da aproximação comparativa entre *O tempo e o vento* e as obras de historiadores do mesmo período do IHGRGS, em especial, a de Velhinho, é importante de três maneiras, mas duas interessam aqui de modo particular: a) a colocação distinta de Verissimo no grupo de intelectuais locais; b) a identidade entre o objeto de *O tempo e o vento* e aquele dos historiadores do IHGRGS (a história da formação sul-rio-grandense). Além desses dois eventos, outros episódios do período são significativos: a instauração da Comissão Estadual do Folclore (1948) (Nedel, 2007a, 2011), da qual tomaram parte os mais importantes intelectuais regionais, incluindo Verissimo, e a fundação do 35 CTG (1948) (Nedel, 2007b, 2011), que demarcava uma organização que quase absorveria todo o aspecto celebrador da identidade regional (Rodrigues, 2006).

Este período de escrita também apresentava como cenário o progressivo distanciamento dos intelectuais junto à militância política, em andamento desde a década de 1940, depois de seu intenso comprometimento na Revolução de 1930 (Coradini, 2003). A partir do final da década de 1920 até meados da década de 1940, a Revolução de 30 e o

Varguismo exerceram sucessivamente um elemento de mobilização e decepção dos letrados no embate político (Martins, 2015). Na redemocratização, a partir de 1945, os intelectuais achavam-se comprometidos em notabilizar nacionalmente o Rio Grande do Sul, não mais no campo político, mas na arena da cultural (Rodrigues, 2006). Esse afastamento das atividades políticas práticas foi expressivo. Entretanto, ele não permite que se entenda como um procedimento de autonomização da esfera cultural em correspondência a distintos domínios sociais (Martins, 2015). Portanto, a Revolução de 30 e a Era Vargas poderiam ser avaliadas como um espectro sobre a consciência de historiadores do IHGRGS e romancistas sulinos (Rodrigues, 2006).

Entretanto, se os intelectuais não precisavam mais intervir nas lutas da política partidária para exercerem sua função social, havia outra obrigação com a qual necessitariam estar comprometidos: a promoção da região e da nação (Nedel, 2005; Rodrigues, 2006). O comprometimento militante era relativo com a atmosfera pré-revolucionária de 1930 no estado. Contudo, após o Estado Novo, o ambiente intelectual se pauta pela desilusão dos intelectuais sul-rio-grandenses com a direção da Revolução 30 de que tinham participado. Se a construção de uma identidade intelectual autônoma da atividade político-partidária se distinguia dos posicionamentos precedentes, o agenciamento da região prosseguia a ser uma das características definidoras desse papel social (Nedel, 2005, 2007b). Porém, a mudança consistia em que a identidade regional não poderia mais estar ser unicamente vinculada à índole guerreira (Rodrigues, 2006). Foi imperativo conectar o tipo social urbano e intelectualizado na cadeia histórica da formação social. O valor de uma identidade intelectual foi percebido para a construção de uma identidade aos sul-rio-grandense a partir da década de 1940, em particular após o fim do Estado Novo (Nedel, 2007b).

Pode-se avaliar que a hipótese e o lugar social se vinculam de maneira que tanto a relação da história com a literatura como a ligação entre a historiografia do IHGRGS e a obra de Verissimo são pautadas pela nova prática intelectual pós-1945, pela perspectiva de nacionalizar a história regional em que a formação histórica (lusitana e dentro do Estado brasileiro) do Rio Grande do Sul é o ponto-chave da releitura do passado feita pelo IHGRGS.

4. A prática e a escrita: a Farroupilha em *Um certo Capitão Rodrigo*

Para dar andamento ao artigo e ao desenvolvimento da hipótese, mais dois passos da metodologia devem ser explicitados. Por um lado, a prática literária é o modo de o narrador ou intelectual “ver” e “fazer”, isto é, o modo de proceder do narrador até chegar à fase escrita. Para desenvolver a hipótese aqui lançada, acredito que, da prática do texto de Verissimo, a análise de três modalidades – práticas literárias – é o que permitirá elucidar o problema: a) tipos ideais, b) escrita literária como interpretação e crítica da história e c) avaliação da relação de Verissimo com a epistemologia da história. Por outro lado, a escrita possibilita, a partir das estratégias narrativas (poéticas, retóricas, gramaticais, semânticas) do narrador, “dar a ver” ao leitor um mundo histórico no texto literário, isto é, um passado é exposto aos olhos e a imaginação do leitor. Aqui, a tarefa analítica é perceber essas construções no texto. Assim sendo, dividi em três etapas a escrita do texto/fonte. A primeira é como o narrador apresenta a intriga e os personagens da obra; a segunda é sobre o sentido que a Farroupilha ganha na escrita literária da história; a terceira trata da finalização da história literária.

4.1. A escrita (I): introdução da intriga e dos personagens

Começa o capítulo em outubro de 1828, quando terminavam as Guerras Cisplatinas e, assim, entra em cena o personagem principal da narrativa: o Capitão Rodrigo Cambará. Ele entra na venda de Nicolau com um ar de velho conhecido. Na venda, Rodrigo conheceu Juvenal Terra, seu futuro cunhado. Ele analisava Rodrigo, “que era prosa, logo se via; que era fanfarrão, não restava a menor dúvida” (Verissimo, 1997, p. 174). Juvenal sentiu uma fascinação pela história do Capitão Rodrigo e perguntou de onde ele vinha. O Capitão respondeu que veio de muitas guerras e contou que esteve na Banda Oriental:

Sentara praça com dezoito anos e em 1811 andava com as forças que invadiram a Banda Oriental. Entrou em Montevideu em 1817 com as forças do Gen. Lecor, contou que numa noite foi para o quarto com três moças. Juvenal questiona senão era feio invadir a terra dos outros, o que Rodrigo responde que o governo da Banda Oriental pediu proteção, pois Artigas andava fazendo estripulias por lá. (Verissimo, 1997, p. 176)

Rodrigo contou que adorava estar na cavalaria e, em 1822, entrara no comércio de gado e, depois que a Banda Oriental pertenceu ao Império lusitano, a situação do gado e do charque melhorou e Rodrigo ganhou dinheiro.⁴ Ele contara que foi a Porto Alegre onde gastou até o último centavo, ao que Juvenal ponderou que ele não pensava no amanhã. Rodrigo simplesmente falou que “*mañana es otro día*”:

Escuta o que vou lhe dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebenta uma guerra ou uma revolução [...] Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como um burro de carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. Trabalhar fardado, deitar fardado, comer fardado, dormir com as chinocas fardado... O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevideú. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança. (Verissimo, 1997, p. 179)

Capitão Rodrigo falou também de Simon Bolívar, da independência da América espanhola e de San Martín. A partir de 1825, esteve nas Guerras Cisplatinas, no combate do Rincón de las Gallinas com as forças de Mena Barreto. Em 1827, estava com as tropas do Marquês de Barbacena e participou da “batalha desgraçada” do Passo do Rosário. Ele começava a falar da cavalaria de Bento Gonçalves e de Bento Manoel e, nessa hora, todos pararam para escutá-lo. Então, com a atenção em si, retornou a se pronunciar mais robusto e numa “inflexão mais dramática” e, assim, juntou-se com a cavalaria dos dois Bentos: “Barbaridade! Que cavaleiros! Levamos a castelhanada a grito e a ponta de lança até a fronteira” (Verissimo, 1997, p. 182).

Após a apresentação de Rodrigo, o narrador apresenta seu par amoroso, Bibiana Terra. E foi no cemitério, ao visitar o túmulo da avó, que viu pela primeira vez o Capitão Rodrigo, que era um homem vestido metade soldado, metade à paisana. Pedro Terra não queria ver sua filha com Rodrigo, porque pensava que ele traria infelicidade para a povoação. Também, Pedro Terra estivera nas batalhas de fronteira (Verissimo, 1997).

Rodrigo Cambará, abancado num mocho, de pernas cruzadas e violão em punho, entoava cantigas que aprendera nos acampamentos da Província

⁴ Semelhante a Lopes Neto (2002), que criou o personagem Blau Nunes para contar a história de um ponto de vista dos de “baixo”, aqui Verissimo conta a história da Farroupilha e do Rio Grande do Sul na ótica do miliciano Capitão Rodrigo.

e da Banda Oriental. Nisso vem o Padre Lara para conversar com ele. Capitão Rodrigo disse-lhe não entender desses “negócios de religião”, ao que o Padre Lara solicitou que Rodrigo cessasse o violão à noite, pois era Dia de Finados e também que ele carecia acatar o chefe do lugar. Era o que Rodrigo esperava, o padre obedecia ao chefe local. Padre Lara pediu que Rodrigo encilhasse seu cavalo e fosse embora, uma vez que Santa Fé não é ambiente para um indivíduo de sua índole porque era um homem que amava a guerra, o jogo, as mulheres e o álcool.

Por obra do Padre Lara, Rodrigo estava frente a frente com o senhor de Santa Fé. O Coronel Ricardo Amaral diz a Rodrigo que ele não tem o “nosso jeito”. Rodrigo retruca-lhe que está lhe tratando como um castelhano, um estrangeiro. Coronel Amaral indaga o que ele tem a falar a seu próprio favor. Nisso, Rodrigo apresenta seu ofício de fé e sacou um rolo de papéis e exibiu ao Coronel Amaral. Tais papéis possuíam diversos louvores ao Capitão Rodrigo de diversos generais e, em especial, o de Bento Gonçalves da Silva, afirmando o heroísmo, a dedicação e a disciplina de Rodrigo.

Ora, a escrita do texto começa já coligando-se com a hipótese levantada. Do ponto de vista da relação entre a historiografia do IHGRGS e a obra de Verissimo, o texto do literato diverge da historiografia hegemônica do Instituto, seja pela inserção do Prata na história do Rio Grande do Sul, seja pela história narrada do ponto de vista de um agente não estatal, o que oferece uma perspectiva de reconstrução da história não vinculada ao Estado-nação. Do ponto de vista da relação entre a historiografia e a literatura, a dimensão ficcional da obra de Verissimo é o suporte para a sua escrita literária da história oferecer outro sentido à formação do Rio Grande do Sul e à Farroupilha.

4.2. A prática (I): os tipos ideais na/da formação histórica do Rio Grande do Sul

Um elemento a destacar do capítulo “Um certo Capitão Rodrigo” é a dimensão sociológica que liga a formação histórica do Rio Grande do Sul com a história da Farroupilha. Neste ponto, proponho interpretar a conjunção da a) história da formação do Rio Grande do Sul com b) a história da Farroupilha em c) “Um certo Capitão Rodrigo”, observando que Verissimo faz uso literário da sociologia weberiana, em especial, da ferramenta teórica do tipo ideal.

O conceito de tipo ideal está relacionado com escritos de Weber (2016). Para este sociólogo, a orientação das ciências sociais e humanas sujeita-se à constituição de conceitos abstratos e hipotéticos, e o tipo ideal é a elaboração intelectual com base em propriedades e subsídios dos fenômenos sensuais. Contudo, não é possível satisfazer todos os atributos de um evento em particular. Também não cabe aludir a universalismos abstratos ou médias estatísticas. Diferentemente, busco evidenciar determinados dados partilhados à multiplicidade dos eventos do fenômeno em foco. Portanto, o tipo ideal é uma elaboração de ideias que auxiliam o estabelecimento de uma organização, estrutura e lógica à suposta desordem da realidade social (Conh, 2006).

Ceio que o uso da ferramenta weberiana acontece no trecho a seguir, em que uma filha de Rosa, prima de Pedro Terra, casar-se-ia com um moço de Porto Alegre. Este era um homem do litoral que vestia e falava distinto das pessoas do interior. Ele não conseguia encilhar um cavalo como os homens do interior e da fronteira. Apegado à terra, preferia uma existência moderada e sedentária às batalhas, às correrias e aos perigos. Também, ele era devoto, hospitaleiro e tinha uma deferência à lei e à autoridade. Tal moço era o oposto de Rodrigo Cambará. A linguagem do moço litorâneo lembrava a das ilhas portuguesas, ao passo que Rodrigo proferia todas as letras, falava uma linguagem limpa e cheia de castelhanismos obtidos na Banda Oriental. Se, para aquele, moça era rapariga, para o capitão era *muchacha*; se, para aquele, agradecimento era obrigado, Rodrigo pronunciava um *gracias*, rápido e insolente:

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. Representavam a população menos estável, porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a Província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão; mas a maioria brigava por gosto (Verissimo, 1997, p. 221).

Esta passagem importa, porque mostra que a interpretação do texto de Verissimo sobre Farroupilha é diferente das teses correntes do período e porque o narrador mostra, recuperando Varella (1915, 1933), que a origem da Farroupilha é a fronteira com o Prata, ao comparar o Capitão Rodrigo ao jovem litorâneo. Este, a serviço da ordem portuguesa e, depois, imperial; e Rodrigo, ao contrário, vinha das Guerras do Prata, aprendeu sobre a guerra e a política com os caudilhos platinos, era um personagem da fronteira que queria libertar sua “pátria” (Guazzelli, 1997). A partir disso, crítica é feita ao governo, pois essa liberdade veio do Prata, da fronteira com os castelhanos, “em que se vivia longe do coletor de impostos e das autoridades”, isto é, longe do governo, inicia-se a liberdade. Relacionada com a hipótese, a diferença entre Capitão Rodrigo e o moço de Porto Alegre, que, a princípio, parece ser apenas de personalidade, mostra mais: ela salienta a interpretação da história do texto de Verissimo em relação às teses hegemônicas do IHGRGS. Com isso, o romance luta em duas frentes, contra a historiografia socialmente reconhecida do IHGRGS e contra a perspectiva de um entrelaçamento entre ficção e história em sua escrita literária da história à época (Soares, 2016).

Voltando à narrativa romanesca, o Padre Lara ficava em dúvida por qual perfil optar: ou o morador sedentário do litoral ou o povo bárbaro da fronteira. Ele conclui que, entre Joca e Rodrigo, o padre preferia o último. Para a Igreja, os litorâneos e os habitantes da Capital proporcionavam uma seara mais abastada e leal:

Quanto às populações das estâncias e charqueadas, o problema era diferente e infinitamente mais complicado. Aquela vida agreste e livre convidava à violência e à insubmissão. As charqueadas eram focos de banditismo. O trabalho das estâncias como que nivelava o patrão ao peão e ao escravo. Muitas vezes o estancieiro saía a camperear ombro a ombro com aqueles numa faina igualizadora que oferecia certos perigos, pois criava o risco de negros e caboclos quererem gozar das mesmas prerrogativas que seus senhores (Verissimo, 1997, p. 221).

Com este excerto, creio ser possível relacionar a hipótese com a prática literária do texto de Verissimo, pois, a partir da compreensão de que a formação histórica sulina teve seu início relacionado com o Prata e no contato dos fronteiriços com os castelhanos (isto é, além do lusitanismo), surgiu a insubmissão às autoridades (uma perspectiva além do Estado-nação). Para esses dois pontos, há uma concretude: a vida na estância. Haveria uma faina

igualizadora que nivelava a todos (patrão, peão e escravo) e tal faina colocava a questão da conquista de direitos: para uns, o direito da interiorização das decisões; para outros, o direito à terra; e para outros ainda, o direito ao fim da escravidão. A tangibilidade destas lutas por direitos teria a fronteira como seu lugar. Por outro lado, é esta prática literária que permite à ficção dialogar e contornar a historiografia, além de rerepresentar uma outra história coligando outras evidências e criando um sentido ao passado sul-rio-grandense e à Farroupilha.

Portanto, operando a ligação entre o tipo ideal e o romance em tela, a montante, Juvenal, Pedro Terra e as famílias de imigrantes alemães⁵ (Kunz e Schultz) representam a ética do trabalho, do indivíduo produtivo e comedido; a jusante, o Capitão Rodrigo é a ética da aventura, que representa para o período a vida dos peões, das guerrilhas e das correrias.⁶ Se aqueles personagens representam o indivíduo econômico, que quer vencer pelo trabalho, Rodrigo é uma crítica à ética do trabalho, mostrando que o indivíduo está envolto numa história que não domina e que o sentido da história se mostraria pragmaticamente a cada evento. Rodrigo representa os costumes que se perdem com a burocratização do Estado e a economia de mercado, regulando toda a vida do indivíduo. Já os outros personagens estão adaptados aos novos tempos; eles apenas trazem a crítica ao governo como algo que perturba seu êxito pessoal ou econômico.

4.3. A prática (II): escrita literária da história como interpretação e crítica da história

Rodrigo Cambará permaneceu em Santa Fé e, aos poucos, conquistou a população, com a restrição de Pedro Terra. Rodrigo era alegre, cantava, tocava violão, pagava bebida e sabia perder no jogo. Dizia-se em Santa Fé que onde estava o Capitão Rodrigo não havia tristeza. Rodrigo era apaixonado por Bibiana Terra e resolveu que estava exausto de pelejas e andanças. Falou em

⁵ Josué Guimarães, de modo semelhante a Verissimo, só que narrando a história do ponto de vista dos imigrantes alemães na formação do Rio Grande do Sul, publica, em 1972, *A ferro e fogo: tempo de solidão* e, em 1975, publica o segundo volume *A ferro e fogo: tempo de guerra*. É no segundo volume que se unem a história da imigração alemã e a Farroupilha.

⁶ Sobre essa temática, ética do trabalho e ética da aventura, ver: HOLANDA (2006), capítulo "O semeador e o ladrilhador".

filhos e ao primogênito havia de dar-lhe uma educação de macho. Capitão Rodrigo já não se reconhecia e, quanto mais o tempo passava, entendia ser impossível viver sem Bibiana. Contudo, após certo tempo, Padre Lara observou que Rodrigo estava distante, ansioso. Rodrigo tinha aberto um bolicho com seu cunhado. Aquela vida ociosa começava a aborrecê-lo. Nisso, o religioso foi conversar com o capitão. Rodrigo disse ao padre o que gostaria de mudar no mundo. Primeiro, acabava com essa história de trabalhar; depois, fazia os filhos virem ao mundo de outro jeito; além disso, dividiria essas grandes sesmarias dos coronéis, acabaria com a escravatura, faria o mundo menor, desfazendo esse monte línguas. Acabaria também com a velhice e, por fim, faria com que não houvesse mais casamento.

O capítulo “Um certo Capitão Rodrigo” é o ponto arquimédico da crítica a partir da Farroupilha e à Farroupilha. Nele, encontra-se a crítica no sentido apontado na hipótese inicial, ou seja, em relação ao avanço da hipótese de Rodrigues (2006) em que o capítulo “Um certo Capitão Rodrigo” é crítico por si mesmo, e se levantam problemas historiográficos, teóricos⁷ e sociais. No referido capítulo, o narrador relata a Farroupilha de modo diferente em relação à historiográfica hegemônica a época e faz uma análise social nunca feita em uma narrativa da Farroupilha. Deste modo, seu texto tem uma originalidade e traz uma inovação de sentido narrativo para o entendimento da Farroupilha a partir da escrita literária da história.

Os personagens de “Um certo Capitão Rodrigo” sentiram o peso e a intervenção do Estado na vida privada das mais diversas maneiras. Seus personagens vivenciaram as arbitrariedades do Estado português e, após, da Corte Imperial. Ao contrário dos outros personagens, Pedro e Juvenal, que representavam apenas a crítica do indivíduo contra a intervenção do governo na vida econômica, e o Padre Lara, que representava as forças da ordem, Rodrigo Cambará representou a crítica de maior fôlego social. Isso porque, ao querer o fim do trabalho, ele criticava a forma como o trabalho estava assumindo com o início da hierarquização capitalista (Guazzelli, 1997; Osório, 2007, 2017). Não se trabalharia mais de maneira costumeira, e sim apenas para acumular a partir da lógica capitalista ou para as estruturas governamentais/estatais que surgiam com a expansão colonial europeia.

⁷ O questionamento teórico é visto adiante.

Também, o personagem queria a divisão das terras dos coronéis para os despossuídos e – o mais radical para época – desejava o fim da escravidão. Tais críticas ultrapassam o viés econômico. Elas permeiam a política e o social. Exigem outra configuração da sociedade no passado. Também, haveria uma crítica aos costumes, pois o Capitão Rodrigo queria acabar com o casamento. A crítica à velhice não seria ao envelhecer, mas a manter sempre os mesmos hábitos do passado, quando se percebe que o tempo está mudando e que é preciso uma nova postura perante a nova realidade.

Creio que essas críticas se fecham com a crítica “ao monte de línguas”. Ter só uma língua, num “mundo menor”, revela a perspectiva de uma comunicação isenta de entraves, onde as mudanças que o Capitão Rodrigo ansiava poderiam ser realizadas.⁸ Capitão Rodrigo não chega a ser um personagem de transição, pois resolvia, resolveu e resolveria os conflitos na luta armada. Contudo, a crítica ao trabalho leva a crítica à divisão das terras, o que conduz ao fim da escravidão. Conseqüentemente, o Capitão Rodrigo seria um cavaleiro errante, portador de ideias improváveis de mudança em uma história e historiografia de matiz colonial e escravista.

Relacionando a hipótese com a crítica a partir do texto de Verissimo, o texto não tem paralelo, tanto em uma análise crítica do contexto da história da Farroupilha (Soares, 2016) como uma crítica social da história, ainda mais quando comparado com a historiografia do IHGRGS. Desse modo, a escrita literária da história de Verissimo ultrapassa em análise, crítica e densidade histórica a historiografia do IHGRGS. Por outro lado, com a cultura da historiografia dominante do IHGRGS reproduzindo-se em todos os lugares de vivência e produção da cultura histórica, só a imaginatividade da ficção literária possibilita a ultrapassagem da história da historiografia pela história da literatura.

4.4. A escrita (II): a Farroupilha de *O tempo e o vento*

⁸ Para Fischer (2007, p. 438), nessa questão “Érico operava narrativamente nos termos da tradição da língua inglesa: grande clareza, comunicação limpa com o leitor, empenho em debater as coisas da vida diretamente observável, a partir de um ponto de vista mais próximo do liberalismo inglês do que do comunismo, em tudo isso sendo exceção na tradição brasileira, mais afeita às manhas estilísticas da tradição francesa, que se regozija nas considerações filosóficas e nas firulas do estilo, secundarizando muitas vezes a força do enredo e a análise da vida, a partir do ponto de vista comunista, em alta naquela geração intelectual”.

Voltando à narrativa, o senhor de Santa Fé andava atento aos acontecimentos políticos:

Falava-se em perturbação da ordem. Os ódios partidários explodiam e tudo indicava que mais cedo ou mais tarde ia haver barulho. Havia pouco chegara à Santa Fé um homem contando que corria pela Província o boato de que o Cel. Bento Gonçalves, do Partido Liberal, se correspondia com Gen. Lavalleja e estavam conspirando para entregar a Província aos castelhanos (Verissimo, 1997, p. 271-72).

Rodrigo, que escutava o diálogo, disse alto que era uma falsidade o que diziam do Coronel Bento Gonçalves, pois o conhecia, e acrescentou que brigaria com quem falasse mal dele. O ano de 1833 abeirava-se do término e o tema favorito de todos os círculos era a política. Em seguida à abdicação de Dom Pedro I, os acontecimentos na Corte caminhavam obscuros. Mesmo em Santa Fé, as pessoas tomavam lado e a conjuntura era:

Uns eram pela maioria; outros achavam que o melhor mesmo era que uma junta de homens direitos e sábios ficasse no governo. A princípio todos esperavam que com a abdicação de Pedro I a situação mudasse, pois achavam que, sendo o Imperador português, não podia deixar de puxar brasa para o assado de Portugal. Mas haviam-se passado mais de dois anos e tudo continuava como antes. Bento Gonçalves, acusado de estar negociando com Lavalleja a anexação da Província à Banda Oriental, fora chamado à Corte para se defender dessas acusações e voltara de lá não só completamente desagravado, como também com honras e privilégios novos. Além disso trazia a seus correligionários do Partido Liberal a promessa de que um filho da própria Província, Fernandes Braga, seria nomeado governador (Verissimo, 1997, p. 278).

O Padre Lara conversara com o Coronel Ricardo Amaral no casarão e chegava de lá com notícias novas e que as transmitia na venda de Nicolau ou na de Capitão Rodrigo. A iminência de uma guerra trazia perturbação em Santa Fé (Verissimo, 1997). Nas noites de inverno de 1834, o Padre Lara lia os jornais que amigos lhe mandavam de Porto Alegre. As circunstâncias não podiam ser piores e tudo indicava que Ricardo e sua gente se conservariam fiéis à legalidade. Para o padre, nenhuma revolução contra o restante do país poderia triunfar. No fim do verão de 1835, Juvenal Terra voltou com sua carreta de Rio Pardo, e o que dissera era alarmante. Juvenal assistira quando os portugueses de Rio Pardo fizeram desfilar pelas ruas um Judas que simulava os brasileiros (Verissimo, 1997).

Em meados do outono, o Coronel Ricardo regressou da Capital e convocou os vereadores para uma sessão especial. Aquele ao declarar apoio aos imperiais e com Pedro Terra se opondo, este acabara preso. Juvenal, após o acontecido, foi à casa da irmã advertir que poderiam prender Rodrigo. Entretanto, notou que o boliche estava fechado, e a espada de Rodrigo não estava mais pendurada. Bibiana avisa que Rodrigo, a esta hora, estava longe. Eles acreditavam que o capitão fora se unir com Bento Gonçalves, era o que ele sempre dizia que faria. O estafeta que chegou a Rio Pardo em fins de outubro trouxe a notícia: “Tinha rebentado a revolução e Bento Gonçalves da Silva, chefe supremo das forças revolucionárias, havia atacado e tomado Porto Alegre!” (Verissimo, 1997, p. 294).

Com relação à hipótese do artigo, novamente o texto de Verissimo avança em uma história literária em que sua narrativa está além do lusitanismo e do marco do Estado brasileiro. Acredito que isso é possível pela ficção literária.

4.5. A prática (III): Érico Verissimo, teórico da história?

Ao pensar sobre os acontecimentos, uma ideia veio à cabeça do Padre Lara:

Um dia todas essas coisas não de ser histórias – refletiu ele. Lera já vários artigos e livros sobre Napoleão Bonaparte, o grande conquistador. Era já homem maduro quando pela primeira vez ouvira falar nesse famoso general nascido na Ilha de Córsega. Fora depois acompanhando, interessado, sua carreira. Agora Napoleão se tornara uma figura conhecida em todo mundo e estava na História ao lado de César, Alexandre, Átila e tantos outros. Mas era muito possível – concluiu – que o resto do mundo nunca chegasse a ouvir falar de Bento Gonçalves. Não deixava de ser curioso a gente ver a História no momento em que ela estava sendo feita! Dali a cem anos, como iriam os historiadores descrever aquela guerra civil? O Pe. Lara sabia como era custoso obter informações certas. As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois relatadas na venda do Nicolau numa maneira completamente diferente. Como era então que a gente podia ter confiança na História? Passou-lhe, então, pela mente a lembrança da importância que tinha para a Igreja Católica a tradição oral... Ora, estava claro que com a Igreja, que era divina, a coisa era diferente. Mas seria mesmo diferente? Essa dúvida era indigna dum sacerdote. Que Deus lhe perdoasse a heresia! (Verissimo, 1997, p. 296-97)

Possivelmente esse comentário seja, em relação à escrita historiográfica ou literária da Farroupilha (Pesavento, 2009; Soares, 2016, 2019), o mais instigante do ponto de vista da teoria da história. Como sair do paradoxo de que todas as coisas hão de ser história, ao mesmo tempo que a história não é confiável? Como a historiografia, que seria inconfiável, poderia ser o parâmetro para a escrita literária da história? (Lima, 2007, 2009; Jablonka, 2020). Verissimo mostraria o que para a historiografia da sua época (em geral) não era aceito, que as paixões, isto é, a subjetividade (Aron, 1948), faria parte das sentenças historiográficas. A historiografia, que teria se constituído no século XIX como uma ciência (Iggers, 2005), mostrava-se, para o romancista, como uma narrativa eivada de seu presente e a ficção, que seria o oposto da ciência, estaria emaranhada no saber historiográfico.⁹ Por um lado, o Padre Lara acreditava na santidade da Igreja para fornecer sentenças seguras, por outro lado, durante muito tempo, os historiadores acreditaram ser a história uma ciência dura do passado, em que a subjetividade do historiador teria sido abolida, onde facilmente se distinguiriam a historiografia (científica) e o romance (a literatura, ficção) (Lima, 2006; White, 2014a).

Com Verissimo, a crítica à escrita da história é direta, se não ao saber histórico em si, pois sabe que tudo um dia há de ser história, pelo menos a um tipo de epistemologia da historiografia em, que a sua época, era dominante: o empirismo positivista (Boeira, 1980). Era como se houvesse “o método” historiográfico que resgatasse e recuperasse a experiência histórica em sua inteireza, positiva e especularmente. Verissimo põe em suspensão as bases da historiografia hegemônica no IHGRGS para escrever sua história literária da Farroupilha e, com ela, liberar e aceitar a ficção (Lima, 2007, 2009; Certeau, 2015) – do tipo de historiografia praticada no IHGRGS – e problematizar a história e a historiografia hegemônicas do IHGRGS.

Continuando no raciocínio do Padre Lara, pergunta-se: como confiar numa ciência em que seus registros são eivados de paixão e mentira? Como algo eivado de mentira e paixão estaria autorizado a controlar a ficção? (Lima,

⁹ Para Pesavento (2001, p. 41-2), “essa reflexão introduz a configuração da História como uma narrativa que, na sua tessitura, implica recortes, acréscimos e missões e onde os ‘fatos vividos’ se apresentam como construções. É por esse estatuto ‘literário’ da historiografia que Érico faz aparecer no texto [...] que se coloca a discutida questão da ficcionalidade da História e do relativismo do discurso que constrói o passado”.

2007, 2009) Além do mais, de um fato poderiam surgir vários relatos. Como a historiografia e o romance eram feitos pelos mesmos intelectuais nesse período, antes do advento da pesquisa universitária (Nedel; Rodrigues, 2005), pode-se considerar Érico Verissimo, antes do tempo, como um crítico historiográfico.

Para o Padre Lara, o que daria certeza aos acontecimentos passados seria a santidade da Igreja. A estrutura explicativa da história teria um arcabouço teórico nos dogmas católicos, mas a historiografia anterior, contemporânea e posterior a Verissimo, por tempos acreditou em dogmas científicos, como os conceitos de raça, evolução, nação, modo de produção, etapas da história, estruturas intemporais dos mitos, estruturas econômicas e mentais, que dariam a tão desejada cientificidade do saber histórico, as preciosas regularidade e universalidade que a ciência moderna exige de quem participa do seu time (Iggers, 2005).

Para escrever seu romance, Érico coloca a epistemologia da historiografia de sua época em questão.¹⁰ Ele indaga sobre a validade das sentenças historiográficas (da sua época), que partem de registros construídos a partir de experiências subjetivas contaminadas por paixões e “mentiras”. Ao trazer o saber historiográfico para o mundo sublunar, o texto de Verissimo cria o espaço necessário para criar e explorar a história de forma literária (Lima, 2007, 2009; Jablonka, 2020) e, assim, seu romance não passa pelo outro da verdade historiográfica, mas como a “verdade ficcional” do passado, ao criar mundos possíveis, verossímeis e necessários de serem verdades no passado (Aristóteles, 1991).

Não há mais uma experiência passada à espera de ser resgatada por uma ciência infalível da história (Rüsen, 2015). Por um lado, o texto de Verissimo crítica a própria epistemologia da história (da sua época) para escrever, literariamente, a história (Lima, 1989, 2006; Jablonka, 2020) e em “Um certo Capitão Rodrigo”, a ficção se entrelaça numa relação produtiva com o passado e com a historiografia, o que serve ao texto de Verissimo para

¹⁰ Pesavento (2001, p. 42) acredita que “o caráter ficcional da narrativa histórica se revelaria nesta capacidade de reinscrever o passado no presente por um discurso que se substitui ao acontecido, ocupando o seu lugar, numa operação imaginária que tanto envolve as funções de ‘representância’ quanto de atribuição de significado”. Parece-me, ao contrário, que o caráter ficcional da narrativa histórica se revelaria na reinscrição do presente no passado e em seus vestígios, alterando o sentido do passado que já fora escrito antes.

representar o passado literariamente.¹¹ Por outro lado, é a partir da reflexão presentemente elaborada que o texto literário de Verissimo está justificado epistemologicamente para divergir e ultrapassar a historiografia hegemônica do IHGRGS.

4.6. A escrita (III): finalizando a história literária

Em 1836, a tropa farroupilha que Rodrigo comandava atacou o casarão dos Amarais. Após a ofensiva, informaram ao padre que tomaram a residência, mas mataram o capitão. Havia mais pessoas no velório de Capitão Rodrigo que no do Coronel Amaral, que também faleceu no assalto ao casarão. A Câmara Municipal de Santa Fé aderiu à Revolução. Diziam que os imperiais tinham tomado de novo Porto Alegre. Mentalmente, Bibiana conversava com Rodrigo; dizia-lhe coisas. Bibiana não sabia nem queria saber se aquilo era verdade ou não. Não compreendia bem aquela guerra. Uns diziam que os Farrapos queriam separar a Província do restante do Brasil. Outros asseguravam que estavam guerreando porque amavam a liberdade e porque tinham sido oprimidos pela Corte.

Portanto, é assim que a Farroupilha foi narrada em *O tempo e o vento*: no enquadramento da formação histórica do Rio Grande do Sul. Verissimo soube problematizar a historiografia do IHGRGS, não aderiu às teses nacionalistas mais corriqueiras, e não deixou sua ficção ser laminada pelo conhecimento historiográfico de sua época.

5. Conclusão

A obra literária de Verissimo e a historiografia hegemônica do IHGRGS sobre a Farroupilha divergem e, a partir de um questionamento epistemológico da história, Verissimo encontra um lugar para escrever e problematizar a Farroupilha, além do *modus operandi* da cultura historiográfica da época. Seu entendimento da história da formação do Rio

¹¹ Conforme notou Pesavento (2001, p. 51), “sobremontando posições polares, relativizando as diferenças, permitindo a convivência de opostos, a narrativa pendular de Érico Verissimo dilui as fronteiras e insinua uma forma de ‘dizer o Rio Grande’, numa postura *avant la lettre* que faz dialogar a História e a literatura”.

Grande do Sul e da Farroupilha abrirá um caminho interpretativo para além do cânone estabelecido pelos principais intelectuais do IHGRGS do seu período.

Desse modo, a operação literária da história permitiu perceber, a partir do lugar social, que a fonte aqui analisada estava emaranhada a uma nova prática intelectual pós-Estado Novo, isto é, tanto no início da desvinculação da prática intelectual da política como na integração da história regional à história nacional. Um corolário desse ponto são o estudo e a pesquisa da formação histórica sul-rio-grandense vinculada ao lusitanismo e ao Estado brasileiro, como operado pela historiografia hegemônica do IHGRGS.

A prática literária que se emaranha com o lugar social evidencia um repertório amplo e complexo para a operação literária da história. De um lado, o uso sociológico do tipo ideal weberiano para marcar o enredo histórico no desenvolvimento dos personagens, de outro lado, ao narrar a história de um miliciano e a partir de um miliciano, o texto em relação à historiografia perspectiva a história de um ponto de vista não estatal, o que abre a possibilidade de a escrita literária da história ser crítica em relação à historiografia e à história. Por fim, a análise epistemológica da narrativa histórica, na sua (in)capacidade de representar o passado, abre espaço para a ficção da literatura poder desenrolar perspectivas novas sobre o passado (da Farroupilha).

A escrita literária da história da Farroupilha, em “Um certo Capitão Rodrigo”, rompe com a escrita da história hegemônica do IHGRGS. Ela mostra um enredo para além do quadro do Estado brasileiro, mostrando a Farroupilha com uma de suas causas na região do Prata, e rompe com a origem lusitana do Estado do Rio Grande do Sul, apontando os farroupilhas e a Farroupilha ao abarcar outras nacionalidades e povos. Na operação literária da história, a fase da escrita abarcou ainda vozes populares e vozes dos representantes das instituições do Estado e da Igreja. Esta polifonia significou uma complexificação da narração da Farroupilha ao emaranhar e intrincar vários personagens, tornando o sentido da Farroupilha mais rico.

Finalmente, respondendo à hipótese inicial, a escrita literária da história de “Um certo Capitão Rodrigo”, complexifica, por um lado, a relação entre história e literatura, pois demonstra a importância e a peculiaridade de ambos os tipos de narrativa sobre o passado, e, por outro, salienta a inevitável

imbricação de ambas, a relação entre a historiografia hegemônica do IHGRGS e o texto de Érico Veríssimo. A escrita literária da história mostra o entrelaçamento de ambas, não só à época em que não haveria corte disciplinar entre elas, mas por Veríssimo ser um teórico da história *avant la lettre*, o que corrobora como a escrita literária da história acrescenta, complexifica e dialoga, de forma crítica, com a escrita da história.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. v. 2. (Col. Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARON, R. **Introducción a la filosofía de la historia**. Buenos Aires: Editorial Losada S. A., 1938.

BOEIRA, N. O positivismo difuso. *In*: DACANAL, J.; GONZAGA, S. (org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 34-59.

CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, M. A história, ciência e ficção. *In*: CERTEAU, M. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 45-70.

COHN, G. Apresentação – O sentido da ciência. *In*: WEBER, M. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006. p. 7-13.

CORADINI, O. L. As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.

FISCHER, L. A. A era Érico e depois. *In*: GOLIN, T.; BOEIRA, N. (coord. geral); GERTZ, René (dir. do vol.). **República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. 2007. V.4. p. 427-447.

GUAZZELLI, C. A. B. **O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)**. 1997. Tese (doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

GUIMARÃES, J. (1975). **A ferro e fogo II: tempo de guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUTFREIND, I. **A historiografia sul-rio-grandense**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

HARTOG, F.; REVEL, J. “Note de conjuncture historiographique”. *In*: HARTOG, F.; REVEL, J. (sous la direction). **Les usages politiques du passé**. Paris: EHEES, 2011. p. 13-24.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IGGERS, G. **Historiography in the Twentieth Century**: from Scientific Objectivity to the Postmodern Challenge. Middletown: Wesleyan University Press, 2005.

JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas ciências sociais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

LIMA, L. C. **A aguarrás do tempo**: estudos sobre narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, L. C. **Trilogia do controle**: o controle do imaginário; sociedade do discurso ficcional; o fingidor e o censor. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LIMA, L. C. **O controle do imaginário & a afirmação do romance**: Dom Quixote, as relações perigosas, Mool Flanders, Tristram Shandy. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOPES NETO, J. S. Duelo de Farrapos. *In*: LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: L&PM, 2002. [1912] p. 116-122.

MAROBIN, L. **A literatura no Rio Grande do Sul**: aspectos temáticos e estéticos. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

MARTINS, J. T. **O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais**: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedade (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956). 2015. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NEDEL, L. B. **Um passado novo para uma história em crise**: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965). 2005. xi, 560 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

NEDEL, L. "A recepção de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul". **Mana**, 13, 1, p. 85-118, 2007a.

NEDEL, L. "Saber-se local: configurações do regionalismo no campo intelectual". *In*: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.): **República**: da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007b. p. 399-426.

NEDEL, L. "Entre a beleza do morto e os excessos dos vivos: folclore e tradicionalismo no Brasil meridional". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p. 193-215, 2011.

NEDEL, L.; RODRIGUES, M. Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, jan./jun. 2005.

OLIVEIRA, M. da G. Uma identidade platina para o Rio Grande do Sul: análise historiográfica de *Revoluções Cisplatinas*, de Alfredo Varela. **Humanas**, Porto Alegre, v. 26/27, n. 1/2, 2004/2005.

ORNELLAS, M. de. **Gaúchos e beduínos**: origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

OSÓRIO, H. **O império português no sul da América**: estancieiros, lavradores e comerciantes. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

OSÓRIO, H. **Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

PESAVENTO, S. J. A narrativa pendular: as fronteiras simbólicas da história e da literatura. *In*: PESAVENTO, S. *et al.* **Érico Veríssimo**: o romance da história. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 41-51.

PESAVENTO, S. J. Uma certa Revolução Farroupilha. *In*: GRINBERG, K.; SALLES, R. (org.). **O Brasil imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Vol. 2. p. 233-267.

RICOEUR, P. História/epistemologia. *In*: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. p. 151-296.

RICOEUR, P. A composição da intriga. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Vol.1. p. 56-92.

RICOEUR, P. O entrecruzamento da história e da ficção. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Vol. 3 p. 310-328.

RODRIGUES, M. C. de M. **Da crítica à história**: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação 1925-1964. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RODRIGUES, M. C. de M. Entre a geração crítica e o giro linguístico: contribuição à história da historiografia sul-rio-grandense. *In*: SOARES, F. A. A.; MARTINS, J. T. **História e historiografia sul-rio-grandense**. Criciúma: EdiUnesc, 2019. p. 9-27.

RÜSEN, J. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Curitiba: UFPR, 2015.

SILVA, J. O. da. **A epopeia dos titãs do Pampa**: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução, de Alfredo Varella. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, J. O. da S. O escrutínio dos pares: Alfredo Varella e a “História da Grande Revolução”. *In*: SOARES, F. A. A.; MARTINS, J. T. **História e historiografia sul-rio-grandense**. Criciúma: EdiUnesc, 2019. p. 143-196.

SOARES, F. A. A. **Farrapos de estórias**: romance e historiografia da Farroupilha (1841-1999). 2016. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOARES, F. A. A. História das narrativas da Farroupilha. *In*: SOARES, F. A. A.; MARTINS, J. T. **História e historiografia sul-rio-grandense**. Criciúma: EdiUnesc, 2019. p. 33-54.

SOARES, F. A. A.; SILVA, R. O. As Missões Jesuíticas e Sepé Tiaraju: entre a historiografia e a literatura. *In*: SOARES, F. A. A.; FONTELLA, L. G. **Repensando os indígenas na história**. Criciúma: UNESCO, 2020. p. 137-178.

THESING, N. V. **Fronteira, identidade, essência**: a busca das origens do Rio Grande do Sul em Gaúchos e beduínos, de Manoelito de Ornellas. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

THESING, N. V. A tradição presente: O Rio Grande do Sul de Manoelito de Ornellas. *In*: SOARES, F. A. A.; MARTINS, J. T. **História e historiografia sul-riograndense**. Criciúma: EdiUnesc, 2019. p. 197-221.

VARELLA, A. **Revoluções cisplatinas**: a República Riograndense. Porto: Livraria Chardron, 1915. 2v.

VARELA, A. **História da Grande Revolução**. Porto Alegre: Globo, 1933.

VERISSIMO, É. (1949). Um certo capitão Rodrigo. *In*: VERISSIMO, Érico. **O tempo e o vento**: continente I. São Paulo: Globo, 1997. p. 171-313.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2016.

WHITE, H. O texto histórico como artefato literário. *In*: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a. p. 97-116.

WHITE, H. As ficções da Representação factual. *In*: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014b. p. 137-152.

ZILBERMAN, R. **Roteiro de uma literatura singular**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.